

Abordagens sobre estupidez artificial: da inovação financeira à curadoria de arte digital

Approaches to artificial stupidity: from financial innovation to digital art curatorship

Ruy César Campos Figueiredo

 0000-0001-8339-6634

www.ruycezarcampos.com

Resumo

O ensaio apresenta os modos como distintos campos de pesquisa têm empregado a expressão estupidez artificial. As referências passam por filósofos da tecnologia como Avital Ronell, Bernard Stiegler e Vilém Flusser; pelo professor Andrew Lo, da área de inovação financeira; por artigos da área de *games* e estudos de programação; e por artistas e instituições de pesquisa artística, como James Bridle, Hito Steyerl e Serpentine Galleries. O resultado é uma introdução aos interesses convergentes e divergentes sobre essa expressão e sua relevância para nos situar em questões emergentes para as artes e humanidades digitais e o campo do pensamento sobre a vida no geral.

Palavras-chave

Epistemologia. Estupidez. Filosofia da tecnologia.

Abstract

The article presents how different research fields have employed the term artificial stupidity. References range from technology philosophers such as Avital Ronell, Bernard Stiegler, and Vilém Flusser; to Professor Andrew Lo, from the financial innovation area; to articles in the gaming and programming fields; and to artists and artistic research institutions such as James Bridle, Hito Steyerl, and Serpentine Galleries. The result is an introduction to the converging and diverging interests on the term artificial stupidity and its relevance in situating us in emerging issues for digital arts and humanities and the field of thought on life in general.

Uma introdução sobre estupidez, aparelhos e inteligência

receamos tanto o antirracionalismo romântico quanto o racionalismo iluminista. Sabemos que ambos estão no programa e conhecemos as suas realizações: o fascismo e a sociedade dos aparatos. Em outros termos: sabemos que a inteligência tem estupidez que a estupidez do coração ignora (Flusser, 2019, p. 141).

Quando o filósofo das mídias Vilém Flusser publicou, no começo dos anos 1980, que somos programados a não perceber que o automóvel é um meio de transporte estúpido, ele já sabia, mas certamente não podia imaginar, quão concretamente tal estupidez poderia se manifestar quando a automação do automóvel passou a se beneficiar de uma visão algorítmica para se autodirigir. O artista James Bridle explorou essa possibilidade com a obra *Autonomous Trap* (2017), corporificando oportunamente o pensamento flusseriano sobre as relações entre estupidez e a automação da “inteligência”, objeto do presente ensaio.



Figura 1
James Bridle, Instalação
Autonomous Trap na expo-
sição *Failing to Distinguish*
Between a Tractor Trailer
and the Bright White Sky,
Nome Gallery, Berlim, 2017

Bridle prendeu um carro dotado de sistema de aprendizado de máquina (*machine learning*) no interior de um círculo mágico feito de sal grosso. A magia circulou o veículo autônomo com linhas de estrada que sinalizam “proibida a ultrapassagem”, tanto nas leis humanas quanto na visão retiniana e algorítmica do automóvel. Seu interesse estava em apontar, primeiramente, para uma questão política: ao trabalhar com tais tecnologias, podemos aprender algo sobre o seu mundo, gerando um conhecimento que pode ser “mais interessante e ter fins mais igualitários” (Bridle, 2022, p. 26); também lhe interessava argumentar que a arte possui o papel importante de intervir no desenvolvimento e aplicação de tecnologias de modo tão efetivo quanto um engenheiro ou um programador, conforme as “ferramentas da imaginação e da representação estética são tão importantes hoje quanto sempre foram” (p. 26).

O artista seguiu uma lógica flusseriana que valoriza relações entre jogar e sabotar. Sabotar, conforme Flusser (2019, p. 139) mesmo expõe, seria “jogar areia nas rodas do aparato”. Em um dos parágrafos conclusivos do seu livro *Pós-história* (p. 181), o checo-brasileiro afirmou que nosso tempo se ergueu sobre duas formas: “na estupidez dos aparatos programados e na estupidez das hordas destruidoras de aparatos”. Seu pensamento aponta para a compreensão de que ao condicionar o aparato para o que consideramos inteligente ou correto, nós o tornamos estúpido, assim como ao tentar combater nossa estupidez posicionando o aparato como alvo apenas perpetuamos a programação de nossa estupidez.

Em *Pós-história*, Flusser afirmou que vivemos em um ambiente de estupidez jamais vista e que nos encontramos rodeados de *gadgets* tolos. Esses *gadgets* nos programam em dois sentidos: a não sobreviver sem eles (o que causaria um efeito de degradação do nosso nível intelectual, estético e político) e a não perceber sua estupidez (o que causaria a incapacidade de nos concentrar sobre as raízes da estupidez que nos cerca):

Os *gadgets* são instrumentos que, quando decifrados como “feitos humanos”, são falseados. São feitos de aparatos. São resultados de manipulação automática de coisas, embora em tal manipulação tenham participado funcionários especializados. O homem decifrado por trás do *gadget* não é o seu produtor (“Erzeuger”), mas função do aparato. O que deciframos por detrás do *gadget*, é a estupidez do aparato. A qual produz os *gadgets* ao acaso, se estiverem incluídos no seu programa.

Não há intencionalidade nos *gadgets*, há jogo de acaso e da necessidade. O perigo de tal estupidez é precisamente que resulta em situações não entendidas. E que nelas resulta automaticamente (Flusser, 2019, p. 138).

Flusser escreve sobre estupidez para apontar o que julga ser “o receio fundamental” a se ter com o crescente exercício de poder de sistemas autônomos: que situações não pretendidas por ninguém, como uma guerra nuclear, se realizem como fim teleologicamente programado na lógica do progresso: “toda ação inteligente é, atualmente, estratégia de retardamento face à estupidez do progresso. Porque todo progresso é realização final de programa” (Flusser, 2019, p. 139).

Na lógica flusseriana, não escaparemos da estupidez (que nos cerca como um oceano), mas podemos escolher entre ser seus funcionários robotizados ou estar abertos para nos reconhecer na experiência concreta de relações de alteridade e aí encontrar uma resposta para a estupidez.

Flusser não viveu até o início da década de 2020 para testemunhar os *exércitos de bots* fantasiados de avatares humanos opinando e influenciando a percepção pública para escolhas políticas altamente desastrosas diante de um vírus que apenas no seu amargamente querido Brasil já matou mais de 705.962 pessoas (Ministério da Saúde do Brasil, 2023),¹ no mesmo período em que um discurso comercial sobre “inteligência artificial” tem passado a permear constantemente as nossas *timelines* com vídeos de cães de guerra robóticos da Boston Dynamics fazendo *Le Parkour*,² além da disseminação de textos e imagens gerados por projetos de automação da linguagem verbal e textual como ChatGPT e DALL-E.

Diante de tal contexto, a expressão estupidez artificial tem começado a habitar com mais recorrência alguns campos do conhecimento, notadamente com maior pungência em colocações teóricas de artistas como Hito Steyerl e James Bridle e suas influências sobre programas curatoriais e expositivos da

¹ Vilém Flusser partiu desiludido com o Brasil no auge da ditadura militar, em 1972, chegando a afirmar que essa partida lhe causou mais dor do que sua saída de Praga, em face do avanço do nazismo na virada da década de 1930 para a seguinte.

² Em 9 de setembro de 2020, o repórter da CNN News, Brad Lendon, publicou reportagem com vídeo sobre a associação dos cães robóticos da Boston Dynamics com uma força do Exército americano. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/09/09/us/robot-dogs-us-air-force-test-intl-hnk-scli-scn/index.html>. Acesso em set. 2020.

arte dedicados à teorização pela prática artística com algoritmos e tecnologia, como o Creative AI Lab das Serpentine Galleries em Londres; em áreas da economia como a inovação financeira, especialmente no discurso do professor do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Andrew Lo; na filosofia da técnica do recém-falecido Bernard Stiegler; nos estudos de programação voltados para melhorar o relacionamento entre humano e máquina, como em *videogames* e inteligência artificial geral (AGI).

A partir do recorte de tal diversidade de abordagens, pretende-se aqui ensaiar fundamentos sobre a estupidez e sua relação com a automação, contribuindo com uma contemplação organizada em torno dos empregos teóricos da estupidez artificial e chamando atenção para relações entre inteligência e estupidez, destacando por fim uma convergência teórica atual de certos artistas com os questionamentos levantados por Vilém Flusser há mais de 30 anos.

Estupidez

A territorialização do conhecimento envolve um repertório para identificar o que é estúpido, de modo que a estupidez pode ser encontrada em todos os lugares, mesmo que haja uma carência de reflexões teóricas ou filosóficas sobre essa força. É por via de tal constatação que Avital Ronell (2002) se dedicou à identificação e problematização sistemática da estupidez e suas relações com a inteligência, publicando os resultados no livro *On Stupidity*. Na obra, ela afirmou que “a estupidez não atraiu uma hermenêutica que garantiria ou restringiria seus limites” (p. 37). Em outras palavras, faltam esforços epistemológicos para que compreendamos e interpretemos o papel da estupidez em nossas concepções sobre o que é inteligência.

A estupidez, para ela, não se constituiria como uma oposição ou como um limite negativo ao conhecimento, tampouco como o outro do pensamento, a ignorância. Na estupidez, ocorre uma performance ofensiva e acusativa que a autora percebe como resguardadora de laços com uma história de destruição da alteridade que estaria se repetindo atualmente. Pode-se creditar suas origens aos gregos que tratavam (desde a elegância, refinamento e inteligência de Atenas) seus vizinhos, estrangeiros e escravos como estúpidos em um sentido de infantilidade e imaturidade. A teórica aponta que nomear alguém estúpido era destruir sua alteridade, como na nomeação do escravo como o não humano, ineducável e inapto à inteligência (Ronell, 2002, p. 39).

Posteriormente, o cristianismo teria elevado a estupidez a outro patamar, incorporando-a à necessidade da redenção, à essência do vacilo humano diante de uma ordem divina que valoriza o rebanho de ovelhas como uma entidade psicológica de grupo e como moduladora de um comportamento exemplar para o Homem receber o amor de Deus. A busca pela pureza da moral cristã teria relação com uma subordinação radical à impenetrabilidade do desconhecido, sendo o rebanho uma amável imagem dessa subordinação (Ronell, 2002, p. 54).

Não teria sido em vão que, após o Iluminismo ou a Idade da Razão, os pensamentos de indivíduos insubordináveis ao rebanho fizeram com que as ovelhas fossem vistas como animais exemplares da estupidez. O Iluminismo, conforme Ronell (2002, p. 44), definiu a estupidez como seu alvo claro, marginalizando a cultura popular pautada em credices e estabelecendo um projeto de mente localizado e determinado como o único caminho para o pensamento racional. Consequentemente se excluiu o corpo, materialidade incapaz de ser fonte de esclarecimento:

Se a estupidez possuísse um Outro pronto para a atacar e a conter, esse teria se estabelecido quando os deuses estavam sem cumprir seus deveres, no Iluminismo – a Idade da Razão –, que a pôs como seu alvo com finalidade firme e clara. A pedagogia do Iluminismo encena a estupidez, repetidamente elencando a brutalidade, o preconceito, a superstição e a violência como manifestações do eclipse da razão. O Iluminismo é pirado por controle no que concerne à estupidez, mas às vezes fracassa nesse controle, mesmo quando conduz a humanidade para longe de tentações regressivas. Voltaire foi talvez mais flexível em contornar a razão e viu, em seu *Essai sur les moeurs*, uma oscilação constante, um tipo de estrutura maníaco-depressiva histórica se desdobrando, em que regressões brutais vêm à superfície na sequência de períodos luminosos de razão³ (Ronell, 2002, p. 44).

³ Nessa e nas demais citações em idiomas estrangeiros a tradução é livre. No original: *If stupidity ever had an other standing ready to attack and contain it, this would have been established when the gods were off duty, in the Enlightenment – the Age of Reason – which targeted its adversary with a steady clarity of aim. The pedagogy of the Enlightenment stages stupidity, repeatedly causing brutality, prejudice, superstition, and violence as so many manifestations of the eclipse of reason. The Enlightenment was a control freak as concerns stupidity but sometimes failed to control even while drawing humanity away from regressive temptations. Voltaire was perhaps more flexible in the contouring of reason and saw, in his Essai sur les moeurs, a constant oscillation, a kind of structure of manic-depressive historical unfolding in which brutal regressions would surface following luminous periods of reason.*

Sabe-se que, como uma consequência frustrante do Iluminismo para seus propagadores, ocorre uma febre do não racional (nos termos então colocados): fanatismo, ocultismo, astrologia e mágica. Tais fenômenos se estabeleceram como um Outro que esteve na constituição da episteme moderna e a seguiu assombrando. Foram eles apropriados no contexto do modernismo colonialista como receptáculos para tudo que seria uma negação da modernidade, tornando nebulosas ou mesmo justificáveis as horrendas práticas discursivas e físicas da violência colonial. Em outras palavras, o Iluminismo projetava a estupidez no Outro jogando um bumerangue que se voltava contra os seus próprios alegados fins racionalistas, igualitários, liberais, fraternos. Dava-se esse retorno na forma, entre outras coisas, de contrailuminismo e violência colonial no além-mar.

Não à toa, Marx teria identificado na estupidez a terceira força histórica mais poderosa, depois da violência e da economia, observa Ronell (2002, p. 56), que argumenta ser a estupidez, para Marx, um superpoder (*Grossmacht*) de determinação histórica marcado pela ausência de conceito. Esse superpoder seria apropriado pelo Estado para ser empurrado em direção ao corpo do trabalhador como um opiáceo, uma arma incapacitante contra a classe trabalhadora. “O que está sendo produzido para e sobre o corpo do trabalhador, estilo *Colônia Penal*, é cretinismo. Ramo da estupidez, o cretinismo é a produção de um poderoso aparato do Estado, um valor inevitável cunhado pelo capitalismo”⁴ (p. 58).

É trazendo tais questões históricas do pensamento sobre a estupidez que Ronell apresenta uma das primeiras menções marcantes da expressão estupidez artificial, dando título a um tópico do primeiro capítulo de seu livro (Ronell, 2002, p. 59). O sentido, não aprofundado teoricamente, seria autorreferencial: aponta como a história da inteligência seria, assim, uma história de invenção seletiva da estupidez, marcada por injustiças sociais que se sintomatizam na performatividade da própria linguagem.

Ela reconhece, desse modo, a estupidez como dependente de emaranhados preconceituosos e ilusões epistemológicas; cúmplice de sistemas que fecham a si mesmos em certezas e verdades; uma força determinante e poderosa que quanto mais for ignorada, mais o conhecimento que nós pensamos ter sobre conhecimento é enfraquecido, mais o que sabemos sobre saber se torna incerto e distorcido.

⁴ No original: *what is being produced for and on the body of the worker, Penal Colony style, is cretinism. An offshoot of stupidity, cretinism is a production of the powerful apparatus of state, an unavoidable value minted by capitalism.*

A estupidez artificial na arte

Os proto- e parafascismos que existem hoje, entretanto, se sustentam em descentralizada estupidez artificial. Exércitos de *bots*, fazendas de *likes* e a mágica dos *memes* formam as tripas e nervos do sentimento político, manufaturando tempestades de merda que posam de paixão popular⁵ (Steyerl, 2017, p. 16).

Como campo de experimentação que borra fronteiras entre prática e teoria com mais liberdade epistemológica e metodológica do que áreas das humanidades e ciências sociais com maior quantidade de guardas de fronteiras e cânones disciplinares pouco criticados ativamente, a arte tem sido nos últimos anos o principal ponto de tensionamento discursivo e experimental sobre a noção de estupidez artificial, destacando-se seu uso por artistas-pesquisadores influenciados por Vilém Flusser, como James Bridle e Hito Steyerl (por vezes apresentada como quem cunhou o termo), bem como pelo engajamento do curador Hans Ulrich Obrist e das Serpentine Galleries em entender as relações entre arte e inteligência artificial.

Considerando a necessidade de a arte se situar institucionalmente em relação a tais questões, as Serpentine Galleries, de Londres, estabeleceram, por exemplo, uma agenda de pesquisa criativa sobre o tema da estupidez e inteligência artificial com o nome de Creative AI LAB.

Enquanto muita pesquisa com AI e ML [*machine learning*] ocorre na academia ou, no geral, em corredores sequestrados de corporações tecnológicas, as instituições de arte e os artistas têm o potencial de perseguir uma agenda de pesquisa diferente e uma configuração diferente de metodologias que podem compreender tais ferramentas⁶ (Kaganskiy, Bunz, 2020).

⁵ No original: *Today's real existing proto- and para-fascisms, however, rely on decentralized artificial stupidity. Bot armies, like farms and meme magick, form the gut brains of political sentiment, manufacturing shitstorms that pose as popular passion.*

⁶ No original: *While much of the research happening around AI and ML occurs in academia or, more often, within the sequestered halls of technology corporations, artists and art institutions have the potential to pursue a different kind of research agenda and a different set of methodologies with which to comprehend these tools.*

No texto de apresentação do projeto, a expressão estupidez artificial aparece fazendo referência a Hito Steyerl e seu modo “irreverente” de se aproximar da questão. Steyerl segue a lógica flusseriana de que os aparelhos e as imagens técnicas mais projetam do que representam a realidade. Por meio de palestras-performance, ensaios audiovisuais e instalações, ela ganhou grande notoriedade por sua investigação das transformações, características e efeitos da internet e das tecnologias digitais na vida social e política das primeiras décadas do século 21.

Até o momento, sua conclusão é de que nos encontramos mais rodeados por estúpidos programas, aplicativos e *bots* de desinformação do que por uma inteligência artificial capaz de controlar tudo de modo onipresente e onipotente (Steyerl, Palevic, 2021). Essas tecnologias, ao longo das últimas décadas, têm criado mais confusão do que soluções, alterando as relações de trabalho e orquestrando coreografias sociais que, com a revelação do escândalo Cambridge Analytica,⁷ influenciaram decisões como a saída da Grã-Bretanha da União Europeia ou o resultado das eleições de 2018 no Brasil. Alguns de seus trabalhos mais recentes, como *SocialSim*, *This is the Future* e *The City of Broken Windows* abordam tais temáticas.

Em *SocialSim* (2020), vemos diversos corpos fardados e digitalmente gerados dançando em um espaço vazio, emanando raios de luz gerados a partir de um banco de dados atualizado diariamente. Escutamos um narrador apresentar um modelo de tecnologia informacional usado para prever o futuro e realizar simulações sociais. A simulação apresentada no vídeo é de um processo infeccioso que causa uma “mania dançante” em pessoas e as faz emanar *flashes* de laser, desintegrando-se posteriormente: “A ideia é que não se trate apenas de uma possível doença infecciosa, mas principalmente de informação contagiosa, a disseminação de notícias falsas e teorias conspiratórias, e todos esses tipos de coisas que eu estava tentando articular”⁸ (Steyerl, Palevic, 2021).

⁷ A Cambridge Analytica, uma empresa de análise de dados, obteve acesso a dados pessoais de cerca de 87 milhões de usuários do Facebook sem o consentimento adequado. Esses dados foram inicialmente coletados por um aplicativo de teste psicológico chamado This Is Your Digital Life. A Cambridge Analytica utilizou esses dados para criar perfis psicográficos detalhados dos usuários. Esses perfis foram usados para direcionar anúncios políticos personalizados durante campanhas eleitorais, incluindo a eleição presidencial dos Estados Unidos em 2016 e o referendo do Brexit no Reino Unido. Surgiram alegações de que a Cambridge Analytica desempenhou um papel significativo na influência de eleições ao criar mensagens direcionadas para influenciar o comportamento dos eleitores com base em seus perfis psicográficos.

⁸ No original: *The idea is that it's not just about a possible infectious disease, but primarily about contagious information, the spread of fake news and conspiracy theories, and all those kinds of things I was trying to articulate.*

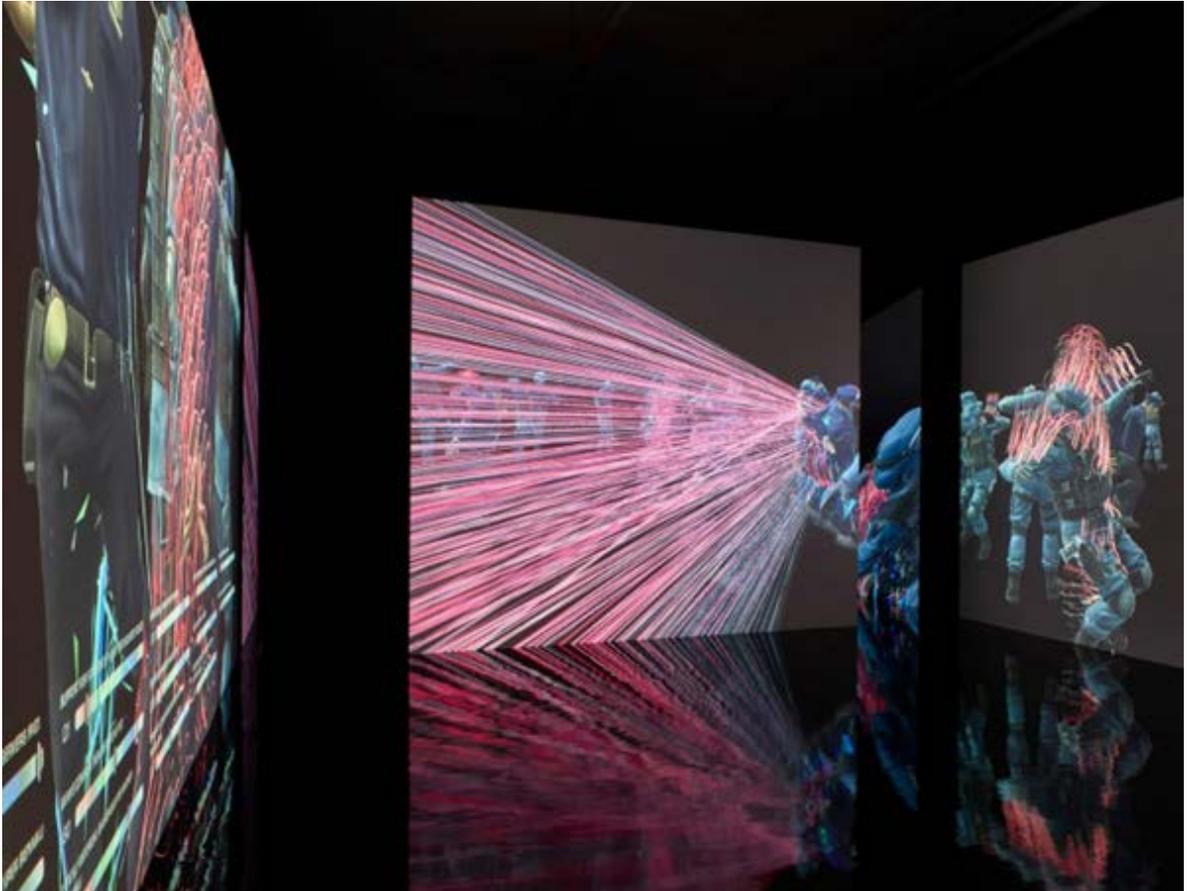


Figura 2
Hito Steyerl, *I will survive*,
K21, Kunstsammlung
Nordrhein-Westfalen, 2020
© VG Bild-Kunst, Bonn, 2021
(Photo © Achim Kukulies)

Quando exposto no K21 em Düsseldorf, o vídeo foi dotado de parâmetros que eram ajustados diariamente pela ONG Fórum Cultura Democrática e Arte Contemporânea, levando-se em conta mudanças em tempo real na prevalência local de tendências estúpidas e autoritárias, o que incluía (Ghraowi, 2020):

- Ameaças de Morte Enviadas a partir de Servidores da Polícia Alemã (por Dia)
- Fator de Ciúmes Identitário (por Apropriação Cultural)
- Propagação de Negação Maníaca (por Sentimento)
- Complexo Kanye (Novas Infecções por Dia)
- Eficiência da Cultura do Cancelamento (“0”)
- Munição de Comando Desviada (em toneladas)
- Apoio à Teoria do Ferro de Cavalo (por Esquadrão da Polícia Montada)

- Dias Restantes até o Dia X (por Dia “0”)
- Constante de Culpar Soros

O trabalho oferece uma resposta para a guerra informacional que foi travada em torno da pandemia de coronavírus, do uso de máscaras e de teorias conspiratórias que favoreceram a disseminação do vírus. Além disso, uma parte dele apresenta outro modelo de previsão com base em algoritmos chamada Rebellion e que, basicamente, simula o controle de manifestações ao tentar influenciar os sentimentos e comportamento dos manifestantes. Para a artista, as coreografias sociais algorítmicas que se tornaram visíveis na pandemia evidenciam os feitos de tecnologias que se valem da estupidez para testar seus parâmetros, infraestruturas e potencialidades. Para Steyerl, a disrupção da sociedade não demanda a realização avançada de uma inteligência artificial, apenas a automação sem regulamentação e a automação da regulação.

A arte seria um meio de investigar, problematizar, pressionar e contradizer as narrativas que posicionam tais tecnologias como algo inteligente e capaz de reestruturar benéficamente a sociedade. Ao contrário, Steyerl aponta que por trás dos últimos 30 anos de desenvolvimento da internet e da mineração de dados que permitiram o processamento de imensas quantidades de informação capazes de dar eficiência para diversas tecnologias que se encontram sob o guarda-chuva “inteligência artificial” está um projeto de poder tecnofeudal (concentrado nas mãos de um punhado de *big techs*) que reduz a autonomia e a liberdade humana ao se oferecer como parâmetro de visualização do futuro e do conhecimento.

Assim, para a artista, não há no presente um objeto que possa ser chamado de inteligência artificial, apenas a sua sombra que é treinada com dados do passado para o espelhar no futuro: “O nome definidor para a tecnologia aplicada não é inteligência artificial, mas estupidez artificial. Atualmente, penso que esta é a versão real existente de inteligência artificial. Assim como a União Soviética foi a versão real existente do comunismo. Portanto, a versão real existente da inteligência artificial é a estupidez artificial”⁹ (Steyerl, Palevic, 2021).

⁹ No original: *The defining name for the applied technology is not artificial intelligence, but artificial stupidity. Currently, I believe this is the real existing version of artificial intelligence. Just as the Soviet Union was the real existing version of communism. Therefore, the real existing version of artificial intelligence is artificial stupidity.*

Bridle, o artista mencionado na introdução por sua intervenção com um automóvel, relaciona a noção de Steyerl de estupidez artificial com a de opacidade tecnológica, um elemento crucial para entendermos o que ele chama de a nova era da escuridão.¹⁰ A opacidade se manifestaria, para Bridle (2018, p. 122), em situações como o recente escândalo na Volkswagen, em que um *software* instalado em seus automóveis reduzia a quantidade de emissões poluentes ao reconhecer estar sendo testado, aumentando automaticamente a níveis proibidos quando reconhecia operar normalmente; o *Flash Crash* de 2010, evento causado por algoritmos financeiros que gerou prejuízos trilionários durante 36 minutos, voltando os índices subitamente aos níveis normais; uma polêmica que envolveu a Amazon e uma linha de camisas com frases de violência física e sexual geradas por inteligência artificial.

O argumento reatualiza questões levantadas por Walter Benjamin há quase 100 anos: hoje, os algoritmos, redes neurais e “inteligência artificial” são treinados a partir de configurações de dados que não estão situados fora do mundo da cultura, muito pelo contrário, tais dados são documentos de uma civilização tanto quanto são documentos de barbárie. Nos tópicos seguintes, o ensaio apresenta a abordagens de outras áreas, para além das artes, para a expressão estupidez artificial.

Estupidez artificial na inovação financeira

Andrew Lo tem pesquisado relações entre risco sistêmico e regulação financeira, finanças de sistemas de saúde, aplicações técnicas de inteligência artificial para o mercado financeiro e o comportamento tanto de investidores quanto dos mercados adaptáveis a partir de modelos evolucionários behavioristas.¹¹ De certo modo, sua abordagem para a expressão estupidez artificial parece corporificar os temores de artistas como Steyerl e Bridle.

¹⁰ Ao contrário do que se pode pressupor, a escuridão para ele não é o contrário do esclarecimento iluminista e sim uma oportunidade diante de nossa incapacidade de ver o que está adiante: oportunidade de agência, justiça e novas formas de se relacionar com a luz.

¹¹ Em finanças, risco sistêmico refere-se ao risco de colapso de todo um sistema financeiro ou mercado, com forte impacto sobre as taxas de juros, câmbio e os preços dos ativos em geral, e afetando amplamente a economia

Visivelmente preocupado com a reação da humanidade ao coronavírus ao mesmo tempo que entusiasmado com as oportunidades financeiras que podem estar armazenadas em “um dos piores momentos da história do mercado de ações” (campo de aplicação em cenário real de suas teorias nas últimas duas décadas), o cientista financeiro afirma em uma aula no Youtube: “a crise que nós estamos é uma crise comportamental (*behavioral*)” (Lo, 2020).

A partir da sugestão de um de seus alunos, ele tem difundido na última década uma abordagem sobre estupidez artificial, preparando-se para um momento como o que vivemos agora. No Youtube “pós-pandêmico”, Lo aponta para as possibilidades de as *fintech*¹² estarem armadas com algoritmos que automatizem os processos de investimento de modo a modular um comportamento melhor que o humano diante da administração da relação entre risco e recompensa no mercado financeiro. Em suas aulas e palestras, Lo joga com a plateia possibilidades de decisões “estúpidas” na vida do investidor médio, apresentando gráficos de índices que escondem os piores riscos em representações de curva contínua crescente de estabilidade: de repente, em crises sistêmicas como a de 2008, as linhas despencam ao abismo.¹³

Em outras palavras, ele busca apresentar para seu público o que chama de *freakout market*. Seu interesse está em descobrir como o comportamento de investidores que cada vez mais corriqueiramente possuem implantes de *chips* em seus corpos pode ser minerado enquanto dados (mesmo biométricos).¹⁴ Lo espera desenvolver uma compreensão evolucionária (alegadamente mais próxima de uma suposta “inteligência natural”) do comportamento psicológico de um investidor diante de situações de risco. *Big data* contra o *freakout* na população “chipada” de investidores, como Lo afirma para o canal de notícias de mercado Bloomberg:

Onde os indivíduos são bastante incentivados a agir racionalmente, encontramos uma ampla variedade de tipos de personalidade, tendências comportamentais, e, como resultado, dispersão na performance comercial.

¹² Palavra utilizada para se referir a *startups* ou empresas que desenvolvem produtos financeiros totalmente digitais, nas quais o uso da tecnologia é o principal diferencial em relação às empresas tradicionais do setor.

¹³ O fundo estável que vai ao abismo citado por Lo é o Fairfield Sentry.

¹⁴ Rodriguez (2018) é um exemplo de artigo que analisa as tendências crescentes de setores da economia solicitarem de certos trabalhadores implantes de *chips*.

Então nós vemos os humanos se adaptarem às condições mutantes do mercado e possivelmente se comportando de modo mais racional ou emocional em um determinado momento¹⁵ (Bloomberg Professional Service, 2019).

Sua proposta é que algoritmos possam criar “índices de precisão” que atuariam diferente de robôs conselheiros,¹⁶ personalizando cotidianamente um portfólio exato para o cliente em um processo totalmente automatizado, sabendo algoritmicamente como as pessoas se comportam diante dos riscos. A proposta já tem alguns anos:

A inteligência artificial e a administração ativa não estão em desacordo com a indexação, mas implicam configuração mais sofisticada de índices e políticas de administração de portfólio para o investidor típico, algo que cada um de nós pode esperar adiante e enxergar talvez na próxima década¹⁷ (Lo, 2001).

Sua previsão, como ele mesmo observa, atrasou-se um pouco, mas em 2019 ele apontava como “apenas agora encontramos *hardware*, *software*, plataformas de comunicação e distribuição de dados adequada para se atingir isso”¹⁸ (Lo, 2019). O que falta, agora, não seria mais inteligência artificial, mas o que ele nomeia nos títulos de suas palestras “estupidez artificial”, às vezes suavizando o peso da palavra estupidez com o sinônimo “humanidade artificial”: “O comportamento humano nem sempre nos dá os melhores resultados: nós podemos desenvolver algoritmos que possam fazer um trabalho melhor: mais rápido, mais bem distribuído e mais barato”¹⁹ (Lo, 2019).

¹⁵ No original: *where individuals are highly incentivized to act rationally, we find a wide range of personality types, behavioral tendencies, and as a result, dispersion in trading performance. So we see that humans adapt to changing market conditions and may behave more rationally or more emotionally in a given context.*

¹⁶ *Robo-advisors* são conselheiros financeiros robotizados que, com pouca ou nenhuma moderação humana, prestam auxílio a investidores.

¹⁷ No original: *Artificial intelligence and active management are not at odds with indexation, but instead imply the evolution of a more sophisticated set of indexes and portfolio management policies for the typical investor, something investors can look forward to, perhaps within the next decade.*

¹⁸ No original: *Only now are we finding the appropriate hardware, software, communication platforms, and data distribution to achieve this.*

¹⁹ No original: *Human behavior doesn't always yield the best results for us; we can develop algorithms that can do a better job: faster, more evenly distributed, and cheaper.*

A ideologia de mercado de risco *ciber-behaviorista* de Lo parece, assim, representar o que nos estudos de comunicação e economia os autores Couldry e Mejias (2019, p. 143) chamam de “a redução behaviorista da experiência humana ao que pode ser rastreado para servir perfeitamente à capitalização da vida”,²⁰ ou, nos termos dos autores, do sistema de colonialismo dos dados. Em tal sistema, o behaviorismo econômico adota ênfase seletiva sobre o lado funcional do cérebro que é “menos reflexivo, menos consciente”, refinando “as concepções existentes da natureza humana” por meio da coleção de dados e da criação de perfis persuadidos, *target groups*, como na estratégia empregada pela Cambridge Analytica para manipular eleições a favor da extrema-direita nos últimos anos. Não à toa, o Museu de Arte de Portland se inspirou em uma exposição que abrigou de Hito Steyerl em 2023 para realizar um debate intitulado “From digital colonialism to artificial stupidity: reframing technology for human recovery”.

Os autores ironizam o fato de denominar “redes neurais” grandes bancos paralelos de computadores de processamento, como se fizessem parte de um cérebro que hoje “ecoa como um dos mitos dos debates dos anos 1960 da ‘mente como máquina’, um mito intelectualmente fraco que não para de ter uma pós-vida robusta”²¹ (Couldry, Mejias, 2019, p. 141-142).

Lo parece se colocar como um expoente entusiasta do fenômeno que Couldry e Mejias (2019) chamam de “datificação” (*datification*), elemento de uma nova performance aberrante do capitalismo que segue uma lógica da colonialidade e, portanto, pode ser pensada como um “colonialismo dos dados” sobre a vida: extrair, despersonalizar e despossuir os indivíduos de seus dados, desde seu código genético, sinais de pulso, fluxo menstrual, produção intelectual, transações econômicas, desejos sexuais, performance esportiva, preferências culinárias, relações de ensino-aprendizagem, métrica de publicação acadêmica etc. Datificação, mais do que a produção de informação por meio de dados, seria um fenômeno contemporâneo de quantificação da vida humana por informação digital, geralmente com valor econômico minerado e extraído pelo setor de quantificação social, representado pelos grandes Amazon, Apple, Facebook, Google e Microsoft, nomeado por Couldry e Mejias “O Império da Nuvem”.

²⁰ No original: *The behavioristic reduction of human experience to what can be tracked serves the capitalization of life perfectly.*

²¹ No original: *echo of the 1960s debates about “mind as machine”, a myth whose intellectual thinness does not stop it from having a robust afterlife.*

Nessa configuração peculiar da história do capitalismo e sua busca por recursos para extrair valor, a vida humana passa a ser o Outro colonizado e despossuído. A humanidade é sinonimizada na ideologia representada por Andrew Lo como estupidez na sua escorregadia tentativa de conceituar o que ele quer expressar quando defende, no auge da pandemia de 2020, a quantificação total da vida como mina a céu aberto para o avanço do extrativismo capitalista. Não lhe faltam críticos indiretos, ainda que alguns importantes tenham falecido recentemente pelo vírus disruptivo.

A estupidez artificial como tecnofármaco

A vida perdeu há pouco um dos teóricos que vêm desenvolvendo criticamente o termo estupidez artificial. Bernard Stiegler, falecido em maio de 2020, é um filósofo desafiador e que vinha encarando temas importantes do presente, dedicando-se a formular uma crítica da teoria da informação e da técnica que se choca com a formulação de Andrew Lo sobre estupidez artificial.

O presente era refletido por Stiegler como um mundo onde o vírus corona-vírus criou um perigo para um modelo econômico centrado na hipercomunicação física e simbólica entre quase todos os lugares do mundo. Tal modelo, ele acreditava, inclui perigosamente a economia dos dados, estando a periculosidade na eliminação de toda a diversidade, destacada pelo autor como uma condição da resiliência. Encontramo-nos em um cenário de vulnerabilização da vida:

Desejando otimizar tudo através do uso de algoritmos, nós diminuimos a resiliência, ao mesmo tempo em que vivemos em uma base *just-in-time* – vemos agora os efeitos disso em várias crises de abastecimento. Nós temos, de modo sem precedentes, feito à sociedade vulnerável como um todo. Essa irresponsabilidade precisa acabar²² (Stiegler, 2020, p. 2).

Por tal razão, nossa dependência dos algoritmos deve parar, e tal frase não é tecnofóbica, na visão de Stiegler. Pouco antes de morrer, assim, sua preocupação

²² No original: *In wanting to optimize everything through the use of algorithms, we decrease resilience, while at the same time living on a just-in-time basis – and we see the effects of this in various shortages. We have, in an unprecedented way, made human society as a whole vulnerable. This irresponsibility must stop.*

estava em afirmar a necessidade de desenvolver novos modelos de teoria da informação que valorizem o que não é calculável, ainda que usem o cálculo para fazer isso. A música, para ele, seria um exemplo de tal modelo: tem como base o cálculo, mas o excede. O fato de os algoritmos já não serem baseados em tal modelo está relacionado com a diferenciação dos indivíduos humanos por meio de um sistema em que a capacidade para “a noese é reduzida a quase nada; a estrutura libidinal do ego é canalizada diretamente para o ciclo utilitário produção-consumo, e a capacidade de autodeterminação reflexiva é totalmente perdida”²³ (Abbinett, 2015, p. 67).

Caso os algoritmos que programam os *softwares* atuais não tomem um rumo onde a inteligência não opere sob tal “lógica musicalizada”, o cenário que se coloca é o regresso do humano ao estágio de formiga: operadores programados por redes de capitalismo biopolítico, com o humano abandonando seu conhecimento – aqui entendido como o caminho pelo qual se deve lutar contra uma “estupidez artificial industrial gerada pela exosomatização cibernética”²⁴ (Stiegler, 2018, p.4).

Sonhar acordado seria uma expressão simplificada para entender os conceitos de exosomatização e inteligência noética (que podem soar herméticos): processo pelo qual a faculdade de sonhar (dormindo ou acordado, produzindo, desenhando ou escrevendo) constitui uma inteligência realizada mediante artefatos, que, por sua vez, tornam outros artefatos possíveis.

Os elementos exosomáticos seriam, assim, aqueles que se colocam como meios, ferramentas ou instrumentos usados pelo humano para produzir, trocar e consumir energia de alguma forma, como órgãos externos que são empregados como instrumentos produzidos por pessoas, sem pertencer a elas, mas que se externalizam mesmo em gestos laborais:

Marx e Engels mostraram no começo de *A ideologia alemã* (1845) que a humanidade consiste acima de tudo em um processo de exosomatização que persegue a evolução não mais por órgãos somáticos, mas

²³ No original: *noesis is reduced to almost nothing; the libidinal structure of the ego is channelled directly into the utilitarian cycle of production–consumption, and the capacity for reflective self-determination is all but loss.*

²⁴ No original: *that cybernetic exosomatization can generate an industrial artificial stupidity.*

por órgãos artificiais (algo que Herder já tinha vislumbrado 70 anos antes desses dois antigos teóricos do papel da tecnologia na formação das relações sociais de conhecimento). Mas a humanidade descobriu, para a sua estupefação, que essa exosomatização agora está direta e deliberadamente sendo produzida pelo mercado – e, com respeito às imensas transformações que se ergueram sem oferecer nenhuma escolha senão, no melhor dos casos, lucratividade do investimento ou, no pior dos casos, a pura especulação envolvida na crescente conexão apertada entre a economia de cassino, marketing e R&D concebidos de acordo com modelos disruptivos de curto termo, portanto, especulativos²⁵ (Stiegler, 2015, n.p.).

Para dialogizar tal pensamento com a referência inicial do ensaio a Vilém Flusser, pode-se relacionar a “exosomatização cibernética” com o que o checo-brasileiro chama de escada da abstração: um processo que teve início quando o humano começou a extrair as coisas das pluridimensões em que a vida flui, constituindo-as em um processo de *feedback loop* como objetos não mais pluridimensionais, mas abstraídos na tridimensionalidade, bidimensionalidade, unidimensionalidade e, desde a invenção da fotografia, na projeção de novas camadas de dimensões por meio de códigos e algoritmos.²⁶

Por meio de tal escala de tempo, semelhante à de Flusser, Stiegler achava possível entender a razão pela qual o que hoje nós chamamos de inteligência artificial é uma continuação do processo de exosomatização da *nósis* em si, começando com a fabricação da exosomatização ao se fazer as coisas com a

²⁵ No original: *Marx and Engels showed at the beginning of The German Ideology (1845) that humanity consists above all in a process of exosomatization that pursues evolution no longer through somatic but through artificial organs (which was already glimpsed by Herder 70 years prior to these two early theorists of the role of technology in the formation of social relations and knowledge). But humankind has discovered to its stupefaction that this exosomatization is now directly and deliberately produced by the market – and, with respect to the immense transformations to which it gives rise, without offering any choice other than, in the best case, the profitability of investment, or, in the worst case, the pure speculation involved in the increasingly tight connection between the casino economy, marketing and R&D conceived according to inherently short-term, and therefore speculative, models of disruption.*

²⁶ Para Flusser, a humanidade tem passado por uma escalada da abstração que sai das dimensões correntes da vida mais-que-humana para a dimensão 2D do plano pictórico, seguida pela dimensão 1D da linha escrita, seguida pela dimensão 0 do ponto da imagem técnica que vai em direção a uma escala quântica.

mão, seguida pela “exosomatização hipomnésica”: aquilo que faz possível acessar experiências vividas de memória e imaginação, em acúmulo no jogo da abstração ao longo da escala de tempo, que parte das cavernas para os códigos de “inteligência organológica”.

Assim, toda inteligência gerada desde a primeira abstração é artificial, ou em termos de Stiegler, toda inteligência noética (ele escolhe pensar inteligência orgânica ou inteligência organológica como um diferencial não opositivo melhor do que inteligência artificial ou inteligência natural) é a continuidade de um processo que se pode encontrar nas cavernas rupestres:

Para precisamente distinguir (sem opor) as formas orgânicas (vegetativa e sensíveis) de inteligência das formas organológicas (noéticas), devemos primeiramente relembrar o que para Aristóteles permaneceu despercebido, nomeadamente o fato de que em torno de três milhões de anos atrás foi o momento em que emergiram as condições que poderiam depois, alguns 40 mil anos atrás, tornar-se inteligência noética, na qual Georges Bataille se reconheceria, e em relação à qual ele disse: aqui é que o nós começa. Aqueles que pintaram esses animais são nossos ancestrais, nosso pai, isso é evidente óbvio. Reconhecer tal evidência é uma característica chave da noese em si²⁷ (Stiegler, 2018, p. 2).

Logo que a inteligência se torna artificial, portanto, ela abre a possibilidade de a estupidez artificial emergir como um fármaco, como um artifício funcional característico de toda exosomatização. Essa estupidez artificial seria, assim, também uma técnica para a produção de armadilhas, sedução e enganação dos humanos: “a estupidez artificial também significa síndrome de disfunção cognitiva, ou seja, a destruição funcional da atenção, ou, novamente, o que preocupa Adam Smith em 1776 em *A riqueza das nações*”²⁸ (Stiegler, 2018, p. 5).

²⁷ No original: *In order to precisely distinguish (without opposing) the organic (vegetative and sensible) forms of intelligence from the organological (noetic) forms, we must firstly recall what Aristotle remained unaware of, namely that, some three million or so years ago, there arose the conditions for what would later, some forty thousand years ago, become noetic intelligence, in which Georges Bataille would recognize himself, and in relation to which he said: here it is we who begin, those who painted these animals are our ancestors, our father, this is evidently so, it is obviously so, and recognizing this evidence is a key feature of noesis itself.*

²⁸ No original: *Artificial stupidity also means cognitive overflow syndrome, that is, the functional destruction of attention, or, again, it is what worries Adam Smith in 1776 in The Wealth of Nations.*

Por transformar a biosfera em tecnoesfera, a exosomatização teria como função (na inteligência organológica ou artificial) metaestabilizar equilíbrios entre entropia, negentropia e antientropia, deferindo a estupidez artificial ao transformar a inteligência em uma arte de viver, minimizando a entropia e aumentando a negentropia e a antientropia. “Tais exoorganismos complexos são, entretanto, inclinados a se tornar massivamente entrópicos e eles podem, portanto, entrar em colapso. Hoje, mais do que nunca, o papel da política consiste em lutar contra essa tendência farmacológica”²⁹ (Stiegler, 2018, p. 2).

Não é à toa que a dita inteligência artificial amplia sua atuação no mercado justo em momento em que não há clareza se tantos desastres são naturais ou políticos, se o oxigênio se torna rarefeito pelo coronavírus, pelo gás lacrimogêneo, pela poluição do ar, pela Amazônia e o Pantanal pegando fogo como política de Estado de Bolsonaro ou pelos oceanos onde se derrama petróleo, onde o sal se confunde com microplásticos.

Estupidez artificial, então, é o que persiste em acelerar a entropia em vez de a deferir, e assim o faz destruindo conhecimento, o que, sozinho, é capaz de gerar bifurcações positivas. Seria inteiramente possível tomar vantagem das possibilidades analíticas dos algoritmos para deferir a entropia. Para se fazer isso, porém, seria necessário modificar a estrutura dos dados, pressionar os algoritmos para o serviço da constituição de escalas deliberativas de reconstituição do conhecimento negantrópico, isto é, conhecimento dialogicamente transindividuado, e fazer a automação servir a desautomatização dentro do enquadramento de uma nova macroeconomia em que o valor seria definido de acordo com o aumento da negentropia. No modelo atual, entretanto, os critérios do valor são entrópicos³⁰ (Stiegler, 2018, p. 8).

²⁹ No original: *Such complex exoorganisms are, however, prone to becoming massively anthropic, and they can therefore collapse, and today, more than ever, the role of politics consists in struggling against this pharmacological tendency.*

³⁰ No original: *Artificial stupidity, then, is what persists in accelerating entropy instead of deferring it, and does so by destroying knowledge, which, alone, is capable of generating positive bifurcations. It would be entirely possible to take advantage of the analytical possibilities of algorithms in order to defer entropy. But in order to do so, it would be necessary to modify data structures, to press algorithms into the service of the constitution of deliberative scales reconstituting neganthropic knowledge, that is, dialogically transindividuated knowledge, and to make automation serve disautomatization within the framework of a new macro-economy in which value would be defined according to the increase of negentropy. In the current model, however, the criteria of value are entropic.*

Como Flusser, Stiegler apostava na arte como uma estratégia possível para reverter a inteligência organológica a favor da vida, como com a “musicalização dos algoritmos”: “Há um tipo de matemática e de música que são simpáticas: tudo vibra junto. Chama-se de órfica, lírica. Na matemática e na música antipáticas, tudo vibra contra, tudo foge” (Flusser, 2014, p. 325).

A estupidez artificial nos estudos de programação

Sem mais complicações filosóficas para esclarecimento a respeito de seu uso em termos de programação, a expressão estupidez artificial também pode ser empregada para se referir à estupidez programada tanto para se aprimorar a interação com humanos em *videogames* quanto para inteligência artificial geral (AGI). Lidén (2003) e Trazzi, Yampolskiy, (2018) assim dela se aproximam: o primeiro autor voltado para a programação de *games* com interações mais humanizadas, e os outros para a limitação do *hardware*, de modo que esse possua menor poder de computação do que humanos, ainda que em uma (suposta) arquitetura similar aos cérebros de nossa espécie.

Lidén discutiu estupidez artificial buscando maximizar a diversão dos *games* ela inserção intencional de erros do oponente computadorizado de *players* humanos. Em outras palavras, estupidez artificial aí seria programar para que o computador possa perder de um jogador humano de modo desafiador e pouco previsível.

As sugestões que ele traz são pensadas para jogos de combate, afirmando que se deve: preparar os jogadores para entrar em combate, evitando por exemplo que batalhas tenham início logo que um avatar entra em um ambiente; dar visibilidade ao computador oponente, ainda que em combates reais a camuflagem seja a ordem; criar situações em que os jogadores “escapem raspando” de tiros achando que foi em razão de suas habilidades de jogo, enquanto na verdade foi algo programado; deixar o computador errar o primeiro tiro quando estiver usando armas que tiram mais vida do jogador; dar sinais ao jogador de que ele está para ser atacado; deixar que o jogador não seja atacado por todos os oponentes de uma só vez, entre outras (Lidén, 2003, p. 42).

Trazzi e Yampolskiy (2018, n.p.), em sentido que dá continuidade e atualiza para um contexto mais recente o emprego do termo por Lidén, discutem estratégias para evitar que os humanos se sintam vulneráveis diante de “superinteligências”

elaboradas pelo modelo de redes neurais. A mesma preocupação parece marcar o entendimento sobre estupidez artificial que o jornal *El País* publicou em 2018 no Brasil, reportagem em tom temerário diante da vulnerabilidade da humanidade ante possíveis falhas estúpidas das máquinas (Dominguez, 2018).

A sugestão de Trazzi e Yampolskiy (2018) para construir inteligências artificiais mais seguras seria codificar de modo a reduzir a capacidade de memória do *hardware*, instruindo “*you shall not rewrite your own code*”, para definir a impossibilidade de a inteligência artificial se autocodificar (ainda que isso não impeça o código de conseguir adquirir superpoderes de manipulação social); fazer a inteligência incorporar enviesamentos humanos como o conservadorismo; fazê-la se fixar em ser funcional; ensinar-lhe a prática do “ser cortês”; estabelecer que ela não pode se direcionar para o golpismo; estimulá-la a se expor como dotada de boas intenções; determinar que ela mantenha o *status quo*; codificar que ela evite ter opiniões individuais e que prefira as convencionais; programá-la para defender valores humanos sem promover revolução; determinar que ela prefira argumentos bem pensados a ações simples que podem ser danosas; finalmente, estipular que ela superestime a quantidade de pessoas observando seu comportamento.

Ambos os artigos colaboram com os estudos de programação de modo a buscar humanizar os códigos com instruções que perfazem nossa estupidez, e nesse sentido é que se pode entender estupidez artificial aqui. Ainda assim, se formos um pouco mais críticos, podemos pensar com preocupação as instruções para os *games* e inteligências artificiais, especialmente caso elas venham a ser empregadas socialmente sob a influência da *buzzword* gamificação, que na década de 2010 ganhou proeminência a ponto de se tornar um clichê cobrindo interesses opacos.³¹ Promovida pelo setor de quantificação social como uma ideologia lúdica para produzir e minerar dados, a gamificação propõe a inserção de elementos de *games* em contextos que não são *games* em si, como o ambiente de trabalho, a sala de aula ou aplicativos de esporte, saúde e sexo.

Associar as instruções dos artigos de Lidén, Trazzi e Yampolskiy com as indicações dos dois primeiros tópicos sobre a estupidez nos levaria a pensar sobre a inserção da estupidez em nossas “vidas gamificadas” de modo a

³¹ Para um olhar mais crítico sobre a gamificação como ideologia do século 21, consultar Fuchs (2014).

lançar um prognóstico assustador. O leitor pode ir contra a linearidade natural do ensaio e fazer uma leitura retroativa retornando a Flusser e Ronell para refletir melhor sobre o que tal prognóstico indicaria. É para frente que sempre direcionamos a inteligibilidade de nossos textos, apesar de tudo.

As propostas de tais programadores de embutir uma humanização nos códigos via estupidez não está tão distante do modo como nos últimos anos Andrew Lo tem direcionado sua pesquisa para questões que se contaminaram de modo espetacular durante a tragédia biopolítica que marca o arranjo financeiro global na virada da década de 2010 para a de 2020.

Conclusão

Vemos, assim, que estupidez artificial é expressão que vem sendo empregada desde a virada do século 20 para o século 21, com distintos sentidos, ainda que em um comum desdobramento da crescente presença do discurso sobre inteligência artificial na nossa vida. Interesses mercadológicos se associam com uma lógica de programação que ressuscita behaviorismo e darwinismo para humanizar os algoritmos sem questionar os viesamentos epistemológicos e éticos que estão embutidos na naturalização de uma determinada compreensão cultural do que é inteligência. Nos estudos de mídia, economia, filosofia e especialmente na arte, todavia, levantam-se vozes se opondo à tal dimensão extrativista da vida humana, tal fronteira da colonialidade que sustenta o avanço do capital. O ensaio, sendo assim, colabora no sentido de reunir tais abordagens, chamando atenção para a relevância do debate epistemológico e suas implicações tanto técnicas quanto filosóficas para as humanidades digitais, antes algumas vezes reduzida a uma visão pouco crítica do que seria se tornar digital, como se bastasse adotar a quantificação dos dados como metodologia humana.

Ruy César Campos Figueiredo é artista-pesquisador. Possui doutorado em comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e mestrado em artes pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente realiza a pesquisa de pós-doutorado “Ao redor das infraestruturas: práticas artísticas” no Programa de Pós-graduação Estudos Contemporâneos das Artes da Universidade Federal Fluminense (UFF), com apoio de bolsa Faperj/CNPq.

Referências

ABBINNETT, Ross. The politics of spirit in Stiegler's techno-pharmacology. *Theory, Culture & Society*, v. 32, n. 4, p. 65-80, 2015.

BLOOMBERG PROFESSIONAL SERVICES. Artificial stupidity: the new AI and the future of fintech. 2019. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/professional/blog/artificial-stupidity-new-ai-future-fintech/>. Acesso em 13 set. 2020.

BRIDLE, James. *Ways of being: animals, plants, machines: the search for a planetary intelligence*. New York: Farrar, Straus, and Giroux, 2022.

BRIDLE, James. *New dark age: Technology and the end of the future*. London/New York: Verso Books, 2018.

COULDRY, Nick; MEJIAS, Ulises. *The costs of connection: how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism*. Stanford: Stanford University Press, 2019.

DOMINGUEZ, Nuño. Estupidez artificial: o problema que ninguém anteviu. *El País* (versão digital). 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/15/ciencia/1542314780_296201.html. Acesso em 13 set. 2020.

FLUSSER, Vilém. *Pós-história – 20 instantâneos e um modo de usar*. São Paulo: É Realizações. 2019 [1983].

FLUSSER, Vilém. *Comunicologia: reflexões sobre o futuro*. Trad. Tereza Maria Souza de Castro. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FUCHS, Mathias. Gamification as twenty-first-century ideology. *Journal of Gaming & Virtual Worlds*, v. 6, n. 2, p. 143-157, 2014.

GHRAOWI, Ayham. Dance dance rebellion. In: STEYERL, Hito. Disponível em: <https://www.kunstsammlung.de/downloads/hito/AYHAM-GHRAOWI.pdf>. Acesso em 10 set. 2023.

LIDÉN, Lars. Artificial stupidity: the art of intentional mistakes. *AI game programming wisdom*, 2, 2003, p. 41-49.

KAGANSKIY, Julia. BUNZ, Mercedes. A different research agenda: Julia Kaganskiy introduces the Creative AI LAB. Serpentine Galleries. 2020. Disponível em: <https://www.serpentinegalleries.org/art-and-ideas/a-different-research-agenda-julia-kaganskiy-introduces-the-creative-ai-lab/>. Acesso em 13 set. 2020.

LO, Andrew. 15.481 Lecture 6: Financial implications of covid-19. Aula proferida na MIT Sloan School of Management. Mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uzuyw1sJ6k&t=3040s>. Acesso em 13 set. 2020.

LO, Andrew. Artificial stupidity: The new AI and the future of fintech. Palestra proferida no Simons Institute. (California), dez. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zqw1nmJ7XZM&t=524s>. Acesso em 13 set. 2020.

LO, Andrew. Personal indexes. *Journal of Indexes*, Second Quarter, 2001. Disponível em: <https://alo.mit.edu/wp-content/uploads/2015/08/PersonalIndexes2001.pdf>. Acesso em 13 set. 2020.

MINISTÉRIO DA SAÚDE DO BRASIL. Painel Coronavírus. Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 13 set. 2023.

RODRIGUEZ, Dario A. Chipping in at work: privacy concerns related to the use of body microchip (rfid) implants in the employer-employee context. *Iowa Law Review*, 104, 2018.

RONELL, Avital. *Stupidity*. Chicago: University of Illinois Press, 2002.

STEYERL, Hito. *Duty Free Art*. New York: Verso Books, 2017.

STEYERL, Hito; PALEVIC, Maja. Is this the future? Youtube, 21 jun. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/live/VIt0BOIG_KY?si=sOnF4k2DQmIpbjKt. Acesso em 10 jun. 2023.

STIEGLER, Bernard. Covid-19: philosopher Bernard Stiegler's insight from the angle of memory. Trad. Daniel Ross. Apr. 2020. Disponível em: https://www.academia.edu/42827840/Bernard_Stiegler_Covid_19_Insight_from_the_Angle_of_Memory_2020_. Acesso em 13 set. 2020.

STIEGLER, Bernard. Artificial Stupidity and Artificial Intelligence in the Anthropocene. Palestra conferida no Institute of Ereignis, Shanghai. Trad.: Daniel Ross. 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/37849763/Bernard_Stiegler_Artificial_Stupidity_and_Artificial_Intelligence_in_the_Anthropocene_2018_. Acesso em 13 set. 2020.

STIEGLER, Bernard. Power, powerlessness, thinking, and future. *Los Angeles Review of Books*, 2015. Disponível em: <https://lareviewofbooks.org/article/power-powerlessness-thinking-and-future/#>. Acesso em 13 set. 2020.

TRAZZI, Michaël; YAMPOLSKIY, Roman V. Building safer AGI by introducing artificial stupidity. *arXiv:1808.03644*, 2018.

Artigo recebido em agosto de 2023 e aprovado em novembro de 2023.

Como citar:

FIGUEIREDO, Ruy César Campos. Abordagens sobre estupidez artificial: da inovação financeira à curadoria de arte digital. *Arte & Ensaios*, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, v. 29, n. 46, p. 208-232, jul.-dez. 2023. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.60001/ae.n46.9>. Disponível em: <http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>.